



“ATÉ QUE A MÚSICA PARE” E “A QUEDA DO CÉU” VENCEM A 11ª EDIÇÃO DO AGENDA BRASIL

O festival, que celebra o cinema autoral brasileiro, terminou na noite de quinta-feira, 7 de novembro, com a premiação dos filmes escolhidos pelos júris especializado e popular

“Até que a música pare”, de Cristiane Oliveira, como longa-metragem de ficção, e **“A queda do céu”**, de Eryk Rocha e Gabriela Carneiro da Cunha, na categoria documentário, conquistaram os principais prêmios do júri especializado da 11ª edição do **Agenda Brasil - Festival Internacional de Cinema Brasileiro**, em Milão, na Itália. A cerimônia de encerramento foi realizada no dia 7 de novembro, no Anteo Palazzo del Cinema, sede de todas as projeções desde o dia 30 de outubro. O evento foi organizado pela **Associação Vagaluna** e realizado em colaboração com o **Instituto Guimarães Rosa** e o **Consulado-Geral do Brasil** na cidade, além de contar com o apoio institucional da **Embratur** e da **Prefeitura de Milão**. Mais de 1.500 pessoas assistiram às sessões, que eram gratuitas.

O júri especializado atribuiu ainda cinco menções especiais. **“O Mensageiro”**, de Lucia Murat, e **“Mais pesado é o céu”**, de Petrus Cariry, receberam o reconhecimento como ficção, enquanto **“Otelo, o Grande”**, de Lucas H. Rossi, **“Nada será como antes”**, de Ana Rieper, e **“Chic Show”**, de Emílio Domingos e Felipe Giuntini, foram condecorados pelo gênero documentário.

As produções em concurso eram 14, também votadas paralelamente pelo público. **“O barulho da noite”**, de Eva Pereira, e **“De Longe Toda Serra é Azul”**, de Neto Borges, foram os eleitos, respectivamente, como os melhores longa-metragem de ficção e documentário pelo júri popular.

A multiplicidade que caracteriza o Brasil, sinônimo de enorme fascínio e de importantes desafios a serem superados, foi o fio condutor do **Agenda Brasil** este ano. A seleção de filmes exibidos refletiu essa pluralidade: além da proveniência de norte a sul do país, obras abordavam uma grande diversidade de temáticas - da espiritualidade aos direitos civis, das maravilhas do esporte e da arte à violência, da identidade nacional à individual, das questões ligadas aos povos ancestrais àquelas relacionadas com o triste legado da escravidão, passando pela influência dos diversos grupos estrangeiros que colonizaram o país.

E é este último tema que permeia a trama de um dos filmes vencedores, exatamente quando se comemoram os 150 anos da imigração italiana no Brasil. **“Até que a música pare”** explora a variedade linguística do Brasil: alguns diálogos são em talian, dialeto formado pela mistura do português com as línguas faladas pelos imigrantes italianos (principalmente da região do Vêneto) que se estabeleceram no país no final do século XIX. Coprodução entre Brasil e Itália, a obra ganhou o prêmio pela Melhor Direção no 42º Bergamo Film Meeting – Festival Internacional de Cinema, em março deste ano.

Outro fruto da cooperação entre países, neste caso Brasil-Itália-França, é **“A queda do céu”**. O documentário é baseado no livro homônimo, resultado de 30 anos de trabalho do xamã Davi Kopenawa Yanomami, uma das principais lideranças indígenas do mundo, e do antropólogo francês Bruce Albert. O filme participou da Seleção Oficial Quinzena de Cineastas do Festival de Cannes 2024.

As motivações do júri de longa-metragens de ficção, composto por Janka Babenco, Roberto Della Torre e Claudia Di Lascia

Melhor filme, Até que a música pare:

Pela capacidade de destacar, com uma narrativa simples e linear, o encontro entre almas diferentes, mundos intergeracionais colocados em confronto em uma jornada tanto metafórica quanto real, uma história atemporal e nunca banal.

Menção honrosa, O mensageiro:

Pela coragem de narrar uma história pessoal, preservando vivo o compromisso cívico e a memória de algo que, infelizmente, até hoje permanece sem justiça.

Menção honrosa, Mais pesado é o céu:

Pela fotografia, tão clemente e carregada de esperança em relação ao cenário natural, enquanto implacável, rígida e intransigente com os personagens.

As motivações do júri de documentários, composto por Bruno Barba, Daniel Camargo e Janaína César

Melhor documentário, A queda do céu:

Pela maneira profundamente cinematográfica com que este documentário nos oferece uma perspectiva “êmica” da população indígena Yanomami, permitindo-nos enxergar por dentro, através dos olhos dos protagonistas. Assistir a este filme é como “tornar-se indígena”: o espectador se torna parte integrante da comunidade retratada. Há, assim, uma inversão de paradigma, que muitas vezes ainda acompanha os documentários sobre temáticas indígenas: aqui, a população protagonista deixa de ser um objeto de estudo a ser observado e passa a contar sua própria história.

Agradecemos imensamente a este documentário, que soube nos mostrar uma realidade que talvez não exista mais e que, se queremos preservar, devemos começar a proteger desde ontem.

Menção honrosa, Nada será como antes:

Através deste álbum icônico, destaca-se o território de Minas Gerais, pouco conhecido não só na Itália, mas também no próprio Brasil. A experiência deste documentário, aliada à sua magnífica trilha sonora, leva a uma viagem pelas montanhas deste estado, por muito tempo tristemente conhecido pelo desastre causado

pelo rompimento da barragem da Samarco. Mas Minas Gerais não é só lama; é, acima de tudo, o lugar que abrigou o nascimento de uma cultura extraordinária para o Brasil e para o mundo.

Menção honrosa, Chic Show:

Este documentário foi uma revelação por sua maneira groove de contar uma história de resistência e autoestima da população negra e por narrar com grande precisão como a música foi usada por grandes revolucionários para tornar a cultura negra acessível à própria população negra.

Menção honrosa, Othelo, o grande:

Em sua maneira autêntica de se contar, emerge não apenas um autorretrato pessoal de um dos maiores artistas brasileiros, mas também uma história de discriminações raciais, que se torna um retrato de um Brasil de desigualdade e pobreza, que estamos cansados de ver.